

*Resumo:* Nossa comunicação tem como objetivo analisar a como a temática da guerra é desenvolvida por dois poetas. Enquanto o primeiro provém de um país onde a promessa da modernização não vingou, o outro é fruto de uma sociedade sectária cujos atentados terroristas definiram sua essência. Refiro-me ao brasileiro Carlos Drummond de Andrade e ao norte irlandês ganhador do Nobel de Literatura de 1995, Seamus Heaney. Dadas as especificidades históricas e locais, pretendemos explorar, em contraponto, os poemas mais significativos de *A Rosa do Povo* (1945) e *North* (1969) em que os autores, além de sondar um grande repertório de temas, colocam a preocupação com o social – e principalmente com a guerra – em posição de destaque. Com a intenção de aproximar as questões de lírica e sociedade, nossa conclusão é de que enquanto um possui um impulso mais voltado para local de origem, o outro consegue abranger um universalismo maior. Sendo assim, ambas as soluções refletem uma resistência perante as atrocidades cometidas em tais contextos sociais. Para tanto, utilizaremos o método crítico de análise de Antonio Candido.

De acordo com Adorno em sua *Teoria Estética*, a arte é sempre um Outro da realidade, pois “o ter-estado-em-devir da arte remete o seu conceito para aquilo que ela não contém. A tensão entre o que animava a arte e o seu passado circunscreve as chamadas questões estéticas de composição. A arte é só interpretável pela lei do seu movimento, não por invariantes. Determina-se na relação com o que ela não é. O caráter artístico específico que nela existe, deve deduzir-se, quanto ao conteúdo, do seu Outro” (ADORNO, 1970, p.13). Seguindo a afirmação proposta pelo filósofo frankfurtiano, podemos compreender que a revelação desse Outro da arte se dá exatamente na relação dialética entre estética e sociedade. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que observamos a evolução de novas técnicas e formulações teóricas, contemplamos também as transformações das paisagens históricas e das configurações sociais. Sendo assim, se a referência ao real possuiu um caráter constitutivo e estrutural na criação artística, por que alguns poetas – mais particularmente os que se encontram em uma posição marginal em relação aos centros artísticos e econômicos mundiais – sentem-se necessariamente obrigados a engajar sua poética socialmente em momentos históricos decisivos?

Precisamente, são essas duas perguntas que, combinadas com as instigantes idéias desenvolvidas por Adorno, motivam nossa análise sobre dois poetas muito importantes no cenário

---

<sup>1</sup> Aluna de Pós Graduação da Universidade de São Paulo.

artístico mundial: refiro-me ao exímio poeta modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade e ao norte irlandês ganhador do Nobel de literatura Seamus Heaney. Dadas as especificidades históricas de cada um, ambos apresentam, em uma fase recente de suas líricas, uma ânsia de mudança social delineada pelos rumos políticos de seus lugares de origem. Enquanto o primeiro levanta a bandeira de um socialismo utópico motivado pela ascensão soviética do pós-guerra e pelo afastamento presidencial de Getúlio Vargas em 1945, o segundo, abraça uma escrita participativa que se afirma favorável à libertação da Irlanda do Norte, apiedando-se com os mortos do conflito, e decepcionando-se com os rumos tomados pelos atentados terroristas do Exército Republicano Irlandês e as negociações diplomáticas com a Inglaterra.

Nesse sentido, podemos entrever que nesses dois grandes artistas há o impulso de uma lírica que não seja o pálido reflexo da *l' art pour art*, mas que seja exatamente o contrário dessa. Porém, ao invés de adotarem uma “redução estética”<sup>2</sup> em nome de um ideal político, as duas formas de lírica constituem um ponto de choque através do qual o questionamento da própria condição de existência da poesia em seus contextos específicos cria inúmeras inquietações, para usar o termo que Antonio Candido usa para definir a poética drummondiana. Segundo o crítico, uma das características fundamentais na obra de Drummond é a problemática de “identidade ou identificação do ser, de que decorre o movimento criador da sua obra..., dando-lhe um peso de inquietude que a faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeita” (CANDIDO, 2004, p. 68). Embora a afirmação tenha sido proferida em relação à arte do poeta brasileiro, essa também poderia ser aplicada a Seamus Heaney, pois desde o princípio de sua obra o poeta tenta traçar caminhos que o constituam como um sujeito, porém esse, delineia-se como estranho e desajustado. Como evidência do

---

<sup>2</sup> Termo cunhado de Adorno no que concerne ao trabalho artístico de Brecht. Para o filósofo ao adotar o caminho de “redução estética” para criar uma obra engajada, “Brecht... deixa escapar a essência do capitalismo que a parábola pretende apresentar” (p. 31). Desta maneira, a finalidade da arte é perdida em favor de um ideal. Adorno, Theodor W. “Sartre e Brecht, Engajamento na Literatura”. *Cadernos de Opinião* n.º. 2. Rio de Janeiro: Inúbia, s/d, pp. 28 – 37.

sentimento *gauche* também no irlandês, em seu primeiro livro (*Death of a Naturalist*, 1966), há muitas imagens de ratos com os quais ele se identifica, demonstrando um desajuste perante a harmonia da natureza<sup>3</sup>.

De modo a compreender como, em decorrência de um desajuste subjetivo, ambos os artistas procuram uma forma poética objetiva que os coloque de volta ao eixo do real, os poetas encontram, através da luta com as palavras, meios para não perder suas especificidades. Se para Drummond esse alinhamento de forças é conseguido por meio do socialismo, que, com a guerra civil espanhola e os movimentos sociais latino-americanos, apresenta sinais de esperança, para Heaney o mesmo se dá na militância pela liberdade de seu país de origem e pela consciência histórica que surge das trocas interculturais. Se por parte de ambos poetas observamos um movimento de expansão que é iniciado no interno e ganha contornos no externo, podemos perceber que tais soluções acabam por não perdurar, e com isso, testemunhamos uma guinada metafísica e clássica que transformam suas linha de trabalho. Sendo assim, para entender como é efetivada a abertura e fechamento das obras, ou nos termos de Bachelard, a “dialética da interioridade e da exterioridade”<sup>4</sup>, examinaremos os poemas que, abordam, concomitantemente, o fazer poético e o momento histórico específico em que eles escrevem. Os livros escolhidos são, respectivamente, *A Rosa do Povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, e *North* (1972) de Seamus Heaney.

Antes de qualquer coisa, é válido ressaltar que os ímpetos utópicos de cada artista têm uma maneira particular e contundente de retornar à arte como problemáticas de composição: no caso de ambos essa se dá no aniquilamento da subjetividade em favor da coletividade. A questão sobre o “eu”,

---

<sup>3</sup> Sobre o assunto ver poemas: Blackberry Picking, Early Purges e Personal Helicon. In. Heaney, Seamus. *Death of a Naturalist*. London: Faber and Faber, 1996.

<sup>4</sup> De modo a compreender a motivação interior e exterior que leva Carlos Drummond de Andrade a abraçar uma poética militante em *A Rosa de Rosa do Povo*, usamos o artigo de Vagner Camilo que traça as preliminares de tal lírica. Para o crítico, em *Sentimento do Mundo* há um “mapeamento cognitivo” das cidades através do qual o poeta consegue ultrapassar as barreiras do privado – da interioridade do lar – e penetrar no espaço público dos acontecimentos históricos e sociais. Camilo, Vagner. A Cartografia lírico-social de *Sentimento do mundo*. *Revista USP*. São Paulo, n. 54, jun-jul-ago 2002, p. 68.

nesse sentido, mais do que assumir uma posição contemplativa de fruição estética, faz com que o leitor penetre na própria composição lírica e procure uma nova forma conhecimento. Como Candido afirma:

a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo... Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica..., ela age como o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2002, p, 83).

Se por um lado, ambos poetas pretendem levantar, nas palavras de Heaney, “emblemas de adversidade”<sup>5</sup> frente a seus momentos históricos, por outro, podemos perceber que, por vezes, eles próprios se questionam sobre o alcance de tal militância. Nesse sentido, o subjetivo retorna aos poemas de uma maneira desestabilizada e dúbia, demonstrando, sobretudo, um posicionamento identitário de origem e classe social.

De acordo com Vagner Camilo, em 1935, a inclinação de Drummond a um posicionamento de esquerda era suficiente para que o poeta tomasse a consciente decisão contra medidas autoritárias do governo Constitucional de Getúlio Vargas e suas ações repressivas, como o extermínio da *Aliança Nacional Libertadora*<sup>6</sup>. Quatro anos depois, após o golpe que daria início ao Estado Novo, essa mesma tendência esquerdista seria convertida em decisão político-ideológica, levando o poeta a conciliar seu individualismo com as exigências de participação. Em uma época em que a maioria dos escritores adotava o realismo objetivo e avesso a experimentações formais que restringiriam a comunicação, pelo fato delas não atingirem a classe trabalhadora da qual eles se pretendiam porta-

---

<sup>5</sup> Artigo de Heaney em que ele discorre sobre os natais de 1971 e 72 em Belfast, período em que a cidade estava tomada. Nessa época, o poeta deixa o seu lar e emprego, e já no exílio, sente-se culpado por não conseguir intervir ativamente nos confrontos. Portanto, “emblemas de adversidade”, ou uma representação reflexiva sobre a guerra é somente o que o artista pode oferecer. Heaney, Seamus. “Mossbown –Belfast”. Seamus. *Preoccupations – Selected Prose 1968 – 1978*. New York: The Noonday Press, 1991. Natais de 1971 e 72.

<sup>6</sup> O Governo Constitucional de Getúlio Vargas tinha como preceito alguns princípios liberais, tendendo ao corporativismo nacional e hipertrofiado do Estado. Contudo, devido aos movimentos de esquerda, as elites e as classes dominantes forçaram o presidente a tomar uma posição mais controladora, o que culminou no Estado Novo e uma política conservadora, de cunho autoritário e centralizador. Skidmore, Thomas. *Brasil: Getúlio a Castelo*, 9ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

vozes, “Drummond seguiria a rota contrária muito mais conseqüente e inequívoca. Forçou, assim, os limites da lírica que, por definição, repudia o canto coral até alcançar o domínio da épica... fazendo do canto participante um momento de experimentação crescente, que alcançará a mais alta voltagem na riqueza de formas, medidas e ritmos de *A Rosa do Povo* (1945)” (CAMILO, 2002, P. 65). Ao nosso ver, primeiro poema mais expressivo desse “canto participativo”, como defendeu de Iumna Simon, é “Consideração do Poema”, em cuja temática está presente o desejo do poeta fundir o gênero à ação do povo, e como conseqüência, sua subjetividade à das pessoas. Por meio das sete longas estrofes regidas por, ora o coletivo, ora o particular, Drummond não desconstrói somente uma aura etérea e cindida da poesia, mas a coloca na égide do sublime.

Recorrendo à distinção entre *Belo* e *Sublime* feita pelo crítico cultural Frederic Jameson, entendemos que enquanto o primeiro, por ser somente associado à decoração, chega ao fim no modernismo, e o segundo, por ser exatamente “o mais alto modo no qual a verdade se agarra ao seu caminho para a existência” relativizando códigos e linguagens até chegar a uma natureza transestética, ou seja, que “tem uma pretensão ao Absoluto... [porque] acredita que, para ser realmente arte, tem que ser algo além da arte” (JAMESON, 2006, p. 140, 142). Acreditamos que a abertura de *A Rosa do Povo* espelha muito essa característica pois rompe com uma arte de comunicação panfletária, colocando, no cerne da preocupação com a subjetividade, a preocupação com o social. O movimento de “Consideração do poema” é provavelmente a característica que mais o constitui como um outro da realidade. Começando com uma estrofe dedicada a efemeridade das palavras, passando pela fugacidade dos próprios poetas com os quais ele dialoga, chegando ao país, e por conseguinte o universo, o poema retrai novamente, e como a lâmina do final, consegue atravessar o leitor porque se infiltrou nos lugares em que ele pensou não haver poesia: a própria militância. Ao tentar destruir a forma poética etérea, simbolizada pela palavra sono que rimaria pobremente com outono, a

subjetividade extingue a sua essência pelo fato de tê-la rimado com carne, e justamente, a perfurado com o golpe.

O impulso antropofágico do poema, combinado com sua ânsia de abarcar absolutamente todas as áreas da “carne”, ou seja, da vida real e palpável, está relacionado ao desejo universalista da solidariedade socialista. Porém, ao contrário de ser a única fonte da experimentação técnica de Drummond, esse é colocado à prova pelo poema seguinte. Sendo assim, o que nos a é apresentado na “Procura da Poesia” é um questionamento sobre o alcance desse ideal, e como ele poderia ser representado esteticamente, ou seja, quais seriam os materiais seriam necessários para sua composição. Como Simon coloca:

as aporias que cercam o ‘canto engajado’ de *A rosa do povo* atingem o limite supremo da negação com a radicalidade da proposta de ‘Procura da poesia’: o poema como objeto de palavras. Negação da experiência poética praticada nesta obra e da poesia realizada até então... O poeta faz com que sua opção pelo engajamento – o apelo à prosa, ao discursivo, ao risco da comunicação, enfim – seja antecedida pela marca de sua aguda consciência artística, a mostrar que a opção é deliberada e consciente de seu próprio risco (SIMON, 1978, p. 147).

Acrescentaríamos ainda que tal movimento “de risco” não pode ser dissociado desses dois poemas de abertura – e não somente ao segundo – pois enquanto o primeiro desintegra a subjetividade, o segundo, a própria poesia. Temos então, um jogo de significados que se multiplicam por diversas áreas da realidade, e obrigam o poeta a revisar a sua posição ideológica, pois todo momento em que há um retorno ao interior, o exterior atinge sua força mais aguda. Sendo assim, há uma categoria de poemas que entra em antítese com outra: enquanto “Vida Menor” e “Movimento de Espada” mutilam o eu poético e caracterizam as suas indecisões, “Carta a Stalingrado”, “Telegrama de Moscou” e “Visão 1944” integrariam convicção política e acontecimentos históricos, transformando o ato de escrever numa redenção. Portanto, nessa dialética vislumbramos a epifania drummondiana que consiste na revelação de um “mundo muito mal feito” cujas “instituições superadas... geram desajuste ... iniquidade” e um medo “que paralisa, sepulta os homens no

isolamento... e conserva o mundo caduco” (CANDIDO, 2004, p. 77). Sendo assim, a única poesia que pode redimir seria aquela que acabaria com o eu burguês, como sugere o movimento da espada e do golpe.

Seria talvez no trato do conceito de epifania, característica essencialmente modernista, que temos uma semelhança com Seamus Heaney. Se o brasileiro da década de quarenta tensionava os limites da subjetividade com o ideal utópico socialista, o irlandês da década de setenta deixava a Irlanda do Norte, em troca de uma vida cosmopolita entre as aulas que ministrava na universidade Harvard e sua casa de campo na República da Irlanda. Essa retirada estratégica dos conflitos decisão acarreta ao poeta a cobrança e a imagem de traidor não só por parte da ala mais radical do Exército Republicano Irlandês, mas também dos simpatizantes do Unionismo. Segundo ele, essa atitude significa um momento de meditação, ao passo que precisou “construir um abrigo dentro de [si] mesmo onde os poemas continuassem sendo poemas” (HEANEY apud BARROSO). Logo, o distanciamento da euforia revolucionária e a decisão de, a partir da sua arte, pensar sobre os desdobramentos da guerra, geram semelhantemente a Drummond, inquietações sobre o seu papel social, e sobretudo, sobre o alcance da poesia de alguém que deixou o campo de batalha – as ruas de Belfast. Embora a afirmação do poeta faz com que ele pareça circunscrever sua poética em uma estética afastada das questões históricas – o belo – na verdade, ela seria uma recusa da comunicação tendenciosa, e fruto do sectarismo católico-protestante de seu lugar de origem – sublime. Sendo assim, os poemas que melhor expressam essa dúvida sobre sua identidade e os feitos da revolução, seriam aqueles em que o poeta coloca-se geograficamente distante da Irlanda do Norte. Para tal exploração, ele cria uma série de poemas, dentro de *North*, chamada “Singing School”, composta por “The Ministry of Fear”, “A Constable Calls”, “Orange Drumms, Tyrone, 1966”, “Summer 1969”, “Fosterage”, e “Exposure”. No caso, focaremos apenas em “The Ministry of Fear” e “Summer 1969”.

Em “The Ministry of Fear”, por meio da intertextualidade com escritores irlandeses e ingleses, Heaney cria uma aporia de antinomias que culmina na tese de que a lírica inglesa está tão presente na irlandesa, assim como o governo inglês no Ulster. Desta maneira, o sujeito é construído a partir de múltiplas citações e referências, que mascaradas como um retorno às belas formas de Patrick Kavanagh, Wordsworth, William Shakespeare e Graham Greene, criam um conflito histórico semelhante aos confrontos armados do seu lugar de origem. Portanto, esse escritor do poema, semelhantemente aquele da “Consideração do Poema”, é atravessado por uma série de citações que mimetizam a sua extinção completa quando, no último verso, afirma a sua posição de dependente perante a lírica inglesa. Nesse sentido, ele assume a posição, como Gayatri Chakravorty Spivak defende sobre a figura do nativo na literatura, de um “informante”, ou melhor, daquele que é dependente cultural e economicamente de um império e tem consciência dessa localização, mas que, dialeticamente, resiste com sua arte. Em suas palavras esse é:

Um ‘outro’ amorfo... que não é ainda um informante nativo mas um fragmento de evidência material que, novamente, estabelece o sujeito Norte Europeu como ‘o mesmo’. Essas tendências textuais são a condição e efeito de idéias recebidas. Ainda, contra todos os indícios, alguém deve escrever com a esperança de que esse trato não foi feito para sempre, de que é possível resistir de dentro<sup>7</sup>.

Sendo assim, na situação de guerra civil contra um império que incide sua força sobre a Irlanda do Norte, Heaney, voltando-se à sua subjetividade, a destrói e coloca no cerne de sua preocupação artística, o próprio momento histórico. A base de um sujeito coletivo, está, portanto, dispersa ao longo de uma relação conflituosa entre dominadores e dominados, e cujas contradições plurais constituem um ser de natureza múltipla e cindida, provindo, igualmente, de “uma consciência

---

<sup>7</sup> Texto em que a autora revisita a temática do império a partir do ponto de vista do nativo, da mulher e do capital. Original: An inchoate ‘other’... who is not even a native informant but a piece of material evidence once again establishing a Northwestern European subject as ‘the same’. Such textual tendencies are the condition and effect of received ideas. Yet, against all straws in the wind, one must write in hope that it is not a deal done forever, that is possible to resist form within. Spivak, Gayatri Chakravorty. “Literature”. *A Critique of Postcolonial Reason – Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1999, p. 113.



de dimensões simultâneas, uma consciência que é... contrapontística”<sup>8</sup>. Temos um movimento semelhante em “Summer 1969”, em cuja contemplação de um quadro – temática parnasiana e elevada – é a forma pela qual o autor delinea um contínuo histórico.

O sujeito poético do poema encontra-se dividido entre o sol opressor de Madri e as tradições artísticas espanholas incidindo em sua identidade deslocada. No mesmo momento, no seu lugar de origem, começava a eclodir o conflito armado da luta por direitos civis de uma minoria católica. As imagens aqui apresentadas pelo poeta oscilam entre o real e o imaginário, o sonho e a realidade, o sofrimento e o gozo: tais oposições reverberam a técnica surrealista de composição, pois ele recuperará a herança modernista de James Joyce e Garcia Lorca de modo a afirmar a validade da arte em perante a guerra. Deste modo, o poeta compara sua situação àquela vivida por esses escritores, porque ambos produziram uma obra de alta qualidade em momentos conflituosos de seus países, e além do mais, exilando-se voluntariamente para entender melhor as contradições do ser humano afetado pelos conflitos sociais. Num segundo momento, Heaney, aparentemente, afasta-se da temática da guerra e entra em contato com as obras de Goya no Museu do Prado. Nessa parte, ele descreve de forma pitoresca as telas do pintor espanhol, fazendo com que cheguemos à conclusão que, baseados nas posições tomadas por esse artista clássico, o poeta quer afirmar a solidariedade com seu povo, por meio de uma obra que ressalta a dor dos conflitos históricos, através da beleza artística. Portanto, podemos concluir que esta revelação poética só foi possível por Heaney estar fora de onde “o real acontecia”. Assim, a epifania a que Heaney chega a ser semelhante à de Drummond, pois revelando os problemas de um mundo em que as guerras dominam, há a esperança de que pode ainda existir resistência e solidariedade.

---

<sup>8</sup> O conceito de “consciência contrapontística” é associado ao exílio, que produz duas melodias desiguais, uma do passado, e outra do presente. Said, Edward. “Reflexões sobre o Exílio”. In. *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 59.

A importância conferida à Espanha por Heaney é, da mesma maneira, conferida a Stalingrado por Drummond. Usando o argumento de que a “poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais”, o poeta exalta o fato de que, assim como a estética com a qual ele pretende lidar, fugiu dos livros e entrou na articulação dos acontecimentos presentes, em outras palavras, foi demolida e reconstruída, a cidade de Stalingrado, pode ser arrasada para que uma nova ordem social seja erguida: a socialista. Porém, Heaney, como um sujeito da década de setenta, que observava as disputas entre pretensões imperiais da União das Repúblicas Soviéticas contra os Estados Unidos, consegue acreditar somente na validade questionadora da arte em momentos históricos decisivos. Desta maneira, se por um lado um quer arquitetar uma poética em que “o poeta/ declina de toda responsabilidade/ na marcha do mundo capitalista/ e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas/ promete ajudar/ a destruí-lo/ como uma pedreira, uma floresta,/ um verme” (DRUMMOND, 2006, p. 130), o outro “he painted the with his fists and elbows, flourished/ the stained cape of his heart as history changed” (HEANEY, 1998, p. 136). Com base nesses dois momentos, entendemos que Drummond pretende uma estética revolucionária do socialismo, ao passo que Heaney deseja encontrar uma forma solidária e coletiva, mas sem respostas, apenas com questionamentos sobre a instituição da história e seus vencedores e perdedores. Sendo assim, o sujeito que ora era apresentava um ideal utópico, começa a ser desfeito e problematizado pela temática do império. Porém, ambas as soluções permanecem dúbias e inquietas, pois tanto Drummond, quanto Heaney reconhecem o risco de abraçar ideais sociais em seus poemas.

Como conclusão podemos entrever que as questões sobre lírica e sociedade permanecem imanenetes na forma poética. Baseados na comparação entre esses dois poetas *ex-cêntricos* entendemos que o pensamento utópico, dentro do conceito de sublime, ainda pode ser possível, pois é a partir do questionamento sobre os desdobramentos do sujeito ocidental e eurocêntrico, que as obras primas conseguem um status duradouro. Sendo assim, os livros *A Rosa do Povo* (1945) *North* (1972), além de inovarem com os embates entre as líricas etéreas e panfletárias, são impressões digitais de

seus momentos históricos, e, pretendendo trazer um dado de mudança e formação – como aquele que Candido sugere e que citamos no começo – propõem uma consciência contrapontística da realidade, ou seja, o entendimento das camadas de significação da história, e o contínuo que todas essas, em conjunto, traçam.

Ao contrário do pensamento de Jameson de que a arte nos dias de hoje está apenas na égide do belo, enquanto a teoria pós-moderna toma conta do ideal do sublime (JAMESON, 2006, p. 144), acreditamos conjuntamente com Spivak que:

os indivíduos de antigas colônias podem se comunicar uns com os outros (e com metropolitanos), podem trocar e estabelecer formas de socialização porque nós temos acesso a cultura então chamada do imperialismo. Devemos então alegar a essa cultura uma medida de ‘sorte moral’? Eu acredito que não deve haver dúvidas de que a resposta é não<sup>9</sup> (1999, p. 191).

A poesia, respondendo concomitantemente à pergunta de Spivak tem um potencial transformador à medida que circunscreve e questiona a dimensão imperial e capitalista da sociedade dentro de sua forma artística. Logo, Drummond e Heaney permanecem atuais e importantes para nossas discussões sobre a arte e sociedade, visto que o mundo atual ainda permanece em constante estado de guerra.

#### BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. São Paulo : Martins Fontes, 1970, p. 13.

\_\_\_\_\_. “Sartre e Brecht, Engajamento na Literatura”. *Cadernos de Opinião n.º 2*. Rio de Janeiro: Inúbia, s/d, pp. 28 – 37.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

---

<sup>9</sup> Original: Postcolonial persons from formerly colonized countries are able to communicate to each other (and to metropolitanos), to exchange, to establish sociality, because we have access to the so-called culture of imperialism. Shall we then assign to that culture a measure of ‘moral luck’? I think there can be no doubt that the answer is ‘no’.

- BARROSO, Ivo. “O escavador da Infância”. In. Folha de São Paulo, caderno Ilustrada, s/ data.
- CAMILO, Vagner. A Cartografia lírico-social de *Sentimento do mundo*. *Revista USP*. São Paulo, n. 54, jun-jul-ago 2002, p. 64 – 76.
- \_\_\_\_\_. *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CANDIDO, Antonio. “Inquietudes na Poesia de Drummond”. *Vários Escritos*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004, pp. 67 – 99.
- \_\_\_\_\_. “A literatura e a Formação do Homem”. In *Textos de Intervenção*. Organização Vinícius Dantas. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2002, pp. 77 – 93.
- HEANEY, Seamus. “Mossbown –Belfast”. Seamus. *Preoccupations – Selected Prose 1968 – 1978*. New York: The Noonday Press, pp. 28 – 37, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Death of a Naturalist*. London: Faber and Faber, 1996.
- \_\_\_\_\_. *North*. London: Faber and Faber, 1996.
- JAMESON, Frederic. “‘Fim da arte’ ou ‘fim da história?’”. *A Virada Cultural: Reflexões sobre o pós-modernismo*. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 127 – 154.
- SAID, Edward. “Reflexões sobre o Exílio”. In. *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46 – 60.
- SIMON, Iumna. *Drummond: uma poética do risco*. São Pulo: Ática, 1978.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: Getúlio a Castelo*, 9ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Literature”. *A Critique of Postcolonial Reason – Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1999, p. 112 – 197.